

# CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA



## Determinação correta sobre a Praça do Cauê

O Ministério Público Estadual enviou notificação recomendatória ao governo estadual e à Prefeitura Municipal de Vitória para que não realizem nenhuma modificação da Praça do Cauê, situada próximo ao pedágio da Terceira Ponte, sem que a população que reside na área seja consultada a respeito do assunto.

Como é sabido, a abertura da referida praça, visando proporcionar um acesso racional e eficaz à referida ponte, faz parte do Programa de Mobilidade Metropolitana do governo do Estado e trata-se de uma medida que há muito já deveria ter sido tomada.

A Promotoria de Justiça da Área de Meio Ambiente e Urbanismo de Vitória se apoia no fato de que um empreendimento desta natureza deve ser discutido com a comunidade, segundo reza o Estatuto da Cidade e a Lei de Mobilidade Urbana da capital.

E a Promotoria está mais do que certa e este deveria ser o procedimento correto a ser tomado com relação a todas as modificações urbanas que possam agredir os direitos dos cidadãos que residem em suas imediações.

Infelizmente, estas leis não existiam quando em meados dos anos 1950, a Vale resolveu construir no alto da pedreira ali existente um clube de luxo denominado Clube Cauê, que durante os anos seguintes foi o que de mais fino e bem frequentado funcionou no Espírito Santo.

Pois para embelezar o urbanismo em seu entorno, a Vale construiu, a seu bel-prazer, a atual Praça do Cauê, justamente no início – ou no fim

– da Reta da Penha, que havia sido traçada para ligar a agora extinta Praia de Santa Helena à Ponte da Passagem, no lado oposto da ilha, muito embora naqueles tempos ninguém imaginasse que, meio século depois, aquele tranquilo pedaço do litoral acabasse sendo aterrado e surgisse ali uma ponte gigantesca ligando Vitória a Vila Velha.

Antes da construção do Clube Cauê funcionava no alto da pedreira a companhia Western Union Telegraph, que ligava Vitória ao resto do mundo pelo antigo

sistema de cabos submarinos.

Na parte de baixo só existia uma movimentada oficina de reforma e manutenção dos antigos bondes Central Brasileira, e o resto era restinga que se estendia até a Praia do Barracão – depois também engolida pelo aterro da Comdusa – onde começava o então elegante e refinado bairro da Praia do Canto.

Nos anos 1970, a tradicional Escola Normal foi transferida para o prédio do Cauê e a pracinha ao lado foi cercada para que as alunas ali fizessem suas aulas de educação física. E assim as coisas

permaneceram até a última década do século.

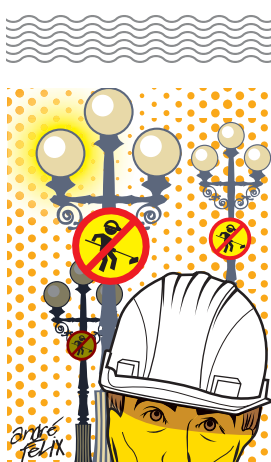
Porém, o que é importante registrar é que naquele mesmo terreno onde construíram a praça, por muito tempo – quando era então apenas um espaço coberto de barro vermelho – aconteciam as maiores e mais disputadas peladas da região, onde às vezes os times contavam com mais de 15 atletas de cada lado. E o pau comia solto, com a molecada disputando descalça o domínio das antigas bolas de borracha, que hoje nem existem mais.

E temos a certeza de que muitos destes moleques se tornaram depois figuras importantes do

contexto político, social e econômico da coletividade capixaba.

A propósito cumpre-nos registrar o falecimento nosso amigo Oswaldo Viola, que subiu para o andar de cima em meados deste mês. Foi justamente nestas peladas da Praia de Santa Helena, onde residia sua família, que ele ganhou o apelido de Boi Louro, que o acompanhou pelo resto da vida. Que descanse em paz!

Vamos aguardar e conferir como vai acabar este polêmico assunto que há muito tempo já deveria ter sido solucionado.



**Naquele mesmo terreno onde construíram a praça, por muito tempo aconteciam as maiores peladas da região**